



CRIANÇAS E ARTE: ENCONTROS PARA ABRIR AS JANELAS À DIMENSÃO ESTÉTICA DA PRÁTICA DOCENTE

Children and art: meetings to open windows to the aesthetic dimension of the teaching practice

Gilvânia Maurício Dias de **PONTES**
Centro de Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal-RN, Brasil
gilpontes56@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9584-5409> 

Rayffi Gumerindo Pereira de **SOUZA**
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa-PB, Brasil
rayffi.ufcg@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3845-1259> 

Fernanda de Lourdes Almeida **LEAL**
Unidade Acadêmica de Educação
Universidade Federal de Campina Grande
Campina Grande-PB, Brasil
fernandalealufcg@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1005-3141> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Este estudo traz central a articulação entre educação e arte, considerando as crianças como produtoras e propositoras de experiências estéticas e educativas, que emergem das suas relações entre si e com os(as) docentes na Educação Infantil. A partir da apresentação e análise de uma experiência vivenciada na Pré-Escola, objetiva-se refletir sobre a arte como dimensão estética que nos possibilita sermos tocados pelo mundo e tocá-lo também, permitindo-nos construir percursos educativos significativos e emancipatórios, que atentam para além daquilo que é visível. O texto está fundamentado nos estudos sociais da infância e em autores(as) que pensam a experiência estética e a arte na contemporaneidade. Conclui-se que articular educação e arte com as crianças é uma atitude inserida numa proposta de cunho pedagógico, político, ético e epistemológico. Trata-se do "ir junto", docentes e crianças, descobrindo novas "janelas" para visualizarem e sentirem novos mundos na unidade de educação infantil e na vida.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Arte. Docência. Crianças.

ABSTRACT

This study has as its central theme the articulation between education and art, considering children as producers and proposers of aesthetic and educational experiences, that emerge from their relationships with each other and with teachers in Early Childhood Education. From the presentation and analysis of an experience lived in Preschool, the aim is to reflect on art as an aesthetic dimension that allows us to be touched by the world and touch it too, allowing us to build meaningful and emancipatory educational paths, that look beyond what is visible. The text is based on social studies of childhood and on authors who think about contemporary aesthetic experience and art. It's concluded that articulating education and art with children is an attitude inserted in a pedagogical, political, ethical and epistemological proposal. It's about "going together", teachers and children, discovering new "windows" to visualize and feel new worlds in preschool, kindergarten and life.

KEYWORDS: Early childhood education. Art. Teaching. Children.

INTRODUÇÃO

Em que mundo estamos e o que queremos? Essa questão nos transporta à reflexão sobre a dimensão ontológica da existência humana, mas também nos coloca desafios da práxis. O que queremos como seres humanos de desejos e educação destinados a esperar e produzir sentidos como garantias de existência e sobrevivência? Em que contexto de atuação construímos as possibilidades de continuarmos a esperar? Essa reflexão ganha delineamentos específicos se a colocarmos no contexto das interações entre crianças e seus educadores em tempos de distanciamento.

Nesse contexto, este artigo trata da dimensão estética das práticas docentes com crianças em situações vivenciadas durante o período de pandemia causado pela COVID-19, e trata de linguagens artísticas como forma de expressão e comunicação, de anseios e dúvidas, no processo de adaptação ao novo momento.

Como nos ensinou Paulo Freire, “a esperança é condição para o diálogo, junto com amor, a humanidade e fé nos homens” (STRECK, 2019, p. 198). Nessa perspectiva, a arte foi e é uma das dimensões do conhecimento humano que torna possível as interações para que os diálogos de “esperançamento” sejam estabelecidos. Partimos do princípio de que, para colocar-se como sujeito do diálogo, é necessário conectar-se ao outro e ao mundo. É preciso interagir para aprender a dizer do mundo e de si pelas próprias palavras. Esse movimento requer atentar para dimensão estética do mundo por meio de conexões sensíveis, estéticas. Assim, a escrita deste artigo é norteadada pelo desafio de construir alternativas para a questão sobre como provocar experiências estéticas e educativas em diálogos com crianças, mediados por linguagens artísticas, em tempos de isolamento social.

Para atingir o nosso objetivo com esse estudo, o presente texto está organizado em algumas seções: na primeira, partilhamos algumas reflexões sobre Educação Infantil e a arte, levando em conta as experiências educativas e estéticas de crianças e docentes e a importância da articulação desses dois campos; na segunda, refletimos sobre a metáfora das janelas como janelas dos olhos e enquadramentos da alma, considerando a urgência de um olhar para a vida que ultrapasse aquilo que está visível; na terceira, relatamos a cena de um encontro entre os olhares de uma criança e um professor na unidade de educação infantil, percebendo a agência das crianças enquanto produtoras de experiências educativas e estéticas; na quarta, refletimos sobre a vivência relatada, reportando-nos às concepções de educação, arte e estética em que

temos acreditado e que defendemos; e, por fim, apresentamos nossas considerações finais.

EDUCAÇÃO INFANTIL E ARTE: EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS E ESTÉTICAS DE CRIANÇAS E DOCENTES

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, que oferta atendimento às crianças de 0 à 5 anos e 11 meses de idade (BRASIL, 2009), possui especificidades próprias que constituem seus processos educativos. Ao refletirmos sobre essa etapa, consideramos necessário reconhecer os bebês e as crianças pequenas como sujeitos históricos e de direitos (BRASIL, 2009), que possuem suas próprias agências, isto é, que, com modos de ser próprios, percebem, interpretam e significam o mundo, produzindo culturas, maneiras de ser e de estar no mundo, por meio das interações entre si, com os adultos, elementos da natureza e demais artefatos que foram e são produzidos ao longo da história (SARMENTO, 2007; CORSARO, 2011).

Ao pensarmos as instituições educacionais que ofertam Educação Infantil, compreendemos que, depois das casas das crianças, elas são os espaços educativos para o exercício do direito de vivenciarem suas múltiplas infâncias, realizando descobertas e explorações diversas, ao conviverem coletivamente, participando das propostas pedagógicas por meio de situações significativas com tom brincante, que oportunizam a produção de conhecimento por elas próprias através de suas interações entre si, com adultos e com o mundo (BRASIL, 2017), mediadas por múltiplas linguagens. Assim, a unidade de educação infantil configura-se como um espaço de vida coletiva (HORN, 2017; CARVALHO, 2021), um lugar de encontros educativos, nos quais as crianças se expressam, dialogam, criam, imaginam, brincam e misturam suas heterogeneidades, produzindo aprendizagens e se desenvolvendo de maneira intensa e integrada com nossas humanidades, junto a professores e professoras.

No que se refere à concepção de arte, retomamos Dewey (2010), que a considera como um processo transformador do indivíduo e do mundo. Para esse autor, a arte não está dissociada da vida e da cultura, ela se faz presente na existência humana como experiência educativa e estética, o que requer protestos de nossa parte no próprio mundo, para que tais transformações ocorram. Isto é, em arte podemos tornar os espaços micros e macros em que estamos inseridos em lugares diferentes para vivermos, porém, faz-se necessário termos disposição para nos lançarmos como sujeitos ativos nesse movimento de rompimento com aquilo que está pré-determinado

ou pré-estabelecido. Essa concepção se coaduna com a perspectiva apontada por Mosquera e Cidrás (2019), ao frisar que arte é uma fratura do cotidiano, isto é, uma maneira de interrogar a sociedade e a cultura.

Dewey (2010) também pondera que a arte não conduz às experiências, mas que ela em si mesma se constitui como experiência em que o sujeito, ao mesmo tempo em que atua, sofre os efeitos de sua atuação. Para esse estudioso, o processo de produção da obra de arte, assim como outras produções humanas, convoca as ações de ver e fazer. Aquele que produz arte, ao mesmo tempo em que produz o objeto, também aprecia a sua produção. Assim como o artista, as demais pessoas se colocam diante do mundo mobilizando ações de ver e fazer. O sujeito de uma experiência observa nela uma continuidade que a caracteriza como estética e educativa. Para o autor a experiência educativa é aquela que influencia positivamente experiências futuras. Esse movimento de ver/fazer completa-se quando repercute nas experiências de outros que, mesmo não tendo criado, por exemplo, uma obra de arte, podem apreciar aquelas que foram produzidas por outrem, chegando a sentir-se tocado(a) de maneira única.

Assim, consideramos que arte é muito relevante para formação humana, tanto no que se refere à leitura do mundo, quanto à expressão pessoal e cultural dessa leitura, pois diz respeito ao ato de produzir formas de dizer de si no mundo. Diante disso, em ambientes educativos, cabe aos professores e professoras ter uma escuta sensível para as linguagens das artes nas crianças e neles próprios, pois é preciso compreender que, ao tempo em que percebemos as expressividades dos outros, também precisamos emitir as nossas próprias. Para nos dispormos a isso, precisamos incomodar a nós mesmos, nos inquietar com o desejo de dar as mãos simbolicamente a todos e todas, considerando nossa heterogeneidade, cruzando nossas singularidades múltiplas e belas.

Diante disso, reconhecemos a importância de pensar a Educação Infantil e a arte de modo articulado, pois a vinculação entre esses campos de conhecimento nos parece um caminho profícuo e fértil para interações, especialmente se levamos em conta a capacidade inventiva de produção cultural e de intervenção no mundo por parte das crianças. Além disso, consideramos que a unidade de educação infantil é o ambiente educativo no qual elas se desenvolvem e constroem aprendizagens significativas por meio de vivências que as atravessam, ou seja, mediante experiências. Assim, a arte, enquanto experiência educativa e estética, pode favorecer na ampliação do repertório expressivo de crianças, oferecendo alternativas e novos caminhos para as interações com mundo e com o outro.

Duarte Júnior (2000) explica que, assim como a arte, o ato de aprender também é uma experiência. Essa convergência, além de confirmar a importância da proximidade entre a arte e a educação, coloca-nos um pressuposto: os sujeitos precisam estar implicados em suas ações artísticas e de aprendizagens, para que, envolvidos, desejosos, entregues e abertos ao novo, possam transformar meras vivências em experiências educativas. Há um fio de sentido que precisa ser considerado, trata-se de compreender que perceber o mundo apenas pelos sentidos pode ser, também, inspirar, movimentar-se para dentro, inventar alegrias, provocar-se, sonhar, desviar-se, criar inéditos, transformar-se, romper, fraturar o cotidiano e se reorganizar em novos modos de ação.

A Educação Infantil como território vivo de produção de conhecimento pelas crianças, a partir das relações entre si, com os adultos, espaços e materiais, demanda que se articulem práticas docentes que mediem e potencializem elaborações de saberes coletivos e individuais, com intencionalidades e com uma postura que vibre vida com e para as crianças. Assim, a arte como experiência na unidade de educação infantil constitui-se num respirar, pelo qual as crianças inalam e expelem vivacidade. Para Cunha (2017, p. 15),

As instituições de Educação Infantil deveriam ser o espaço inicial e deflagrador das diferentes linguagens expressivas, tendo em vista que as crianças pequenas iniciam o conhecimento sobre o mundo por meio dos cinco sentidos (visão, tato, olfato, audição, gustação), do movimento, da curiosidade em relação ao que está à sua volta, da repetição, da imitação, da brincadeira e do jogo simbólico. No que diz respeito às linguagens expressivas, esses são os fatores fundamentais para que elas se desenvolvam plenamente.

A partir dessa perspectiva, compreendemos que, nas unidades de educação infantil, ao entrar em contato com o mundo através das múltiplas relações, as crianças são convidadas ao ato de expressar-se cotidianamente. Tal ato poderia ser representado como movimento de abrir-se à cultura em um pulsante inspirar e expirar que considera aspectos peculiares de cada criança, mas também, a produção cultural à qual ela tem acesso. Às crianças deveria ser garantido o direito de expor suas percepções, interpretações e significações relativas àquilo que está em seu entorno, em múltiplas linguagens, entre elas as linguagens artísticas. O dizer de si no mundo, expressando maravilhamentos e até insatisfações, pode ser possibilitado em situações de vivências de linguagens artísticas.

A partir dessas reflexões a respeito da Educação Infantil e da arte, e, ao considerarmos os desdobramentos causados pela pandemia da COVID-19 na vida social como um todo e, especialmente, no cotidiano das unidades de educação infantil,

perguntamo-nos: diante de tantos desafios, há caminhos promissores que viabilizem a realização de experiências educativas nas quais a dimensão do sensível, da estética e da criatividade, possibilitadas pela arte, podem ser vivenciadas de forma significativa por crianças? Na seção a seguir, considerando as crianças, a arte e a Educação Infantil, debruçando-nos sobre uma possibilidade de caminho: a potência dos nossos olhares para o mundo, a partir de enquadramentos das várias janelas da vida.

SOBRE AS JANELAS DOS OLHOS E OS ENQUADRAMENTOS DA ALMA...

O que fizemos do nosso cotidiano diante da fratura provocada pela pandemia? Considerando como “fratura” aquilo que irrompe inesperadamente, produz uma quebra no curso ordinário de nossos percursos, coloca a urgência da significação e modifica narrativas (GREIMAS, 2017), buscamos refletir sobre os atravessamentos da arte no processo de significação das práticas docentes por crianças e professores durante a pandemia.

Nossa casa/trabalho encontrou outras casas, outros habitantes e histórias interessantes. Nossa tão estimada “intencionalidade pedagógica” foi desestruturada, pois se traduziu em desafio ainda maior que o habitual. Tivemos que pensar em como nos reconstruir e dar outros sentidos e rumos para o encontro com as crianças e suas famílias. Como nos encontrar em meio a tantos desencontros? Como sentir a nós mesmos e aos outros, distanciados? De que maneira seria possível sentir e tocar o mundo a partir de nossas casas?

A imagem da janela se tornou uma metáfora potente para as reflexões. A janela enquadra o mundo, o delimita segundo a nossa intencionalidade, mas janelas são, também, portais para outros mundos. São formas de acessar e ler outras realidades. Essa constatação aponta para dois elementos fundamentais às leituras do mundo e da prática: as janelas e o olhar.

No documentário “Janelas da Alma”, produzido no ano de 2001, sob a direção de João Jardim e Walter Carvalho, dezenove pessoas, com diferentes graus de deficiência visual, dizem como se veem e como enxergam o mundo. O roteiro parte do pressuposto de que os olhos são janelas da alma, mas há outras janelas que possibilitam a interação com entorno e a produção de sentido para as experiências. Nas narrativas que compõem o documentário, os sujeitos apresentam diferentes percepções para o ato de ver. Suas interações com o mundo evidenciam que o olhar deve ser percebido para além dos olhos, como órgão físico. Enxerga-se pela sensibilidade, pela emoção, por janelas

multissensoriais que são articuladas pelo corpo inteiro. Talvez, estejamos a falar sobre a intensidade do desejo de alcançar o mundo com os nossos olhares, que se iniciam antes mesmo de passarem por nossos olhos. Nesse movimento, tocamos e somos tocados pelo mundo, através do olhar.

Numa coletânea de textos sobre o olhar, organizada por Aduino Novaes (1988), Alfredo Bosi (1998, p. 67) inicia o texto "Fenomenologia do Olhar", citando os gregos para colocar o leitor diante de duas dimensões do olhar, o olhar receptivo - ver como receber, e o olhar ativo - ver como buscar, captar. Salienta que o encontro entre o olhar humano pode traduzir-se em conhecimento:

Os olhos recebem passivamente, com prazer ou desprazer, contanto que estejam abertos, verdadeiras sarabandas de figuras, formas, cores, nuvens de átomos luminosos que se ofertam, em danças e volteios vertiginosos, aos sentidos do homem. E o efeito desse encontro deslumbrante pode ter um nome: conhecimento. Para conhecer basta abrir bem os olhos em um espaço iluminado e acolher os levíssimos e agílimos ícones do mundo. Conhecer é estar imerso em um oceano de partículas cintilantes e nele engolfar-se sensualmente. Conhecer é ser invadido e habitado pelas imagens errantes de um cosmos luminoso. Para conhecer basta abrir bem os olhos em um espaço iluminado e acolher os levíssimos e agílimos ícones do mundo (BOSI, 1998, p. 67).

A obra "Paisagem vista de uma janela" (Figura 1), pintada por Henri Matisse, em 1913, tem uma história peculiar de interação entre o olhar e o conhecimento, na qual o pintor representa as sensações do encontro com o Marrocos, paisagem que estava desejoso de conhecer. Matisse chega ao Marrocos, mas é impedido de explorar a cidade, devido ao tempo chuvoso, durante uma semana. Fato que instaura uma situação de confinamento espacial em que o pintor se limita a conhecer a cidade ficando no hotel. Nessa condição de confinamento, da janela do hotel, ele vê o caminho que conduz ao porto da cidade. O quadro, no qual há o predomínio da cor azul, é pintado na perspectiva de quem olha o porto estando dentro de um aposento que antecede a janela, as linhas retas delinham a moldura/janela para libertar o azul em linhas sinuosas que se encontram com o amarelo e o branco da cidade. A janela serve de enquadramento para o olhar, mas a restrição que impede o percurso pela cidade não impede a caminhada do olhar que acaricia o que extrapola a moldura, tornando o pintor igualmente acariciado pelo que enxergou, desejou e o tocou. Interação entre sujeito e objeto em que aquele que toca, é, ao mesmo tempo, tocado (MERLEAU-PONTY, 2004).

Figura 1 - Paisagem vista de uma janela



Fonte: Matisse (1913).

Já em “A condição humana” (Figura 2), pintura produzida em 1933 pelo belga René Magritte, reúne dois dos seus temas favoritos: a pintura dentro da pintura e as janelas. Nesta imagem, o ilusionismo pictórico propõe ao apreciador a leitura de duas janelas que se misturam e complementam. Em uma delas há um cavalete com uma tela, que delimita que existe o “real” e a “representação do real”. As bordas entre janelas se misturam em nuances de azul que provocam, como efeito de sentido, o encontro entre o céu e a água. Uma esfera preta, ao lado da parte inferior do cavalete de madeira, marca o plano baixo da imagem. A esfera parece pesada, fixada a um chão de onde olha e aponta para a janela fora da janela.

Figura 2 - A condição humana



Fonte: Magritte (1933).

A linha tênue entre realidade e percepção, que é colocada pelo artista como questionamento sobre a condição humana, nos remete a nossa igualmente humana condição como educadores de crianças em tempos de distanciamento. Há de se questionar o que cabe na palavra “distanciamento”. A imposição do afastamento do ambiente de referência, situado em um prédio, com locais físicos destinados ao encontro entre crianças e adultos.

A história que iremos contar a seguir não significou um hiato entre as relações entre crianças e professores, mas demandou processos perceptivos diferentes, por canais de comunicação digitais. A sensibilidade estética e a responsabilidade ética permearam as relações: era preciso assegurar às crianças os direitos de aprendizagem e desenvolvimento – conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se (BRASIL, 2017) em interações norteadas pela sensibilidade, ludicidade e criatividade.

Pontes (2013), ao abordar a dimensão estética da educação da infância, retoma os escritos do filósofo Merleau-Ponty sobre a existência de um *logos* estético, que

permeia os processos de significação humano. Tais processos ocorrem no encontro do sujeito com os objetos em sua imersão sensível no mundo - experiência sensível/estética produzida pela percepção. Citando o referido filósofo, salienta Pontes,

[...] toda consciência é sempre consciência de alguma coisa; é o ser no mundo produzindo-se e produzindo sentido. A percepção é a experiência vivida corporalmente; a mente que percebe é uma mente encarnada. O organismo que percebe está imbricado com o seu entorno. O sujeito é corpo que atua numa dimensão de espaço e tempo determinado. Dessa maneira a percepção em si mesma não existe; ela não é uma abstração ideal. A percepção só existe conforme seja vivida no mundo (PONTES, 2013, p. 131).

O organismo, imbricado com o entorno, está aberto às estesias que tornam os encontros singulares e significativos. Não se trata apenas de notar ou observar, mas de implicar-se, sentir e se deixar tocar para produzir sentido para essa experiência. Esse é processo que, embora pessoal, é atravessado por olhares de outros em intersubjetividade. Ao conseguirmos perceber o que está a nossa volta, reconhecendo que isso só é possível por estarmos imbricados em tudo aquilo que nos rodeia, precisamos admitir que também somos, então, percebidos pelos outros. Nesse movimento de perceber e ser percebido, ocorrem encontros que desencadeiam construções de conhecimentos e autoconhecimentos. Na secção a seguir, há um relato de uma experiência educativa e estética que nasceu de um desses encontros. Trata-se de encontros entre humanos que, ao perceberem suas diferenças, abrem caminhos para outros possíveis, para novos olhares e novas janelas.

A HISTÓRIA DE UM ENCONTRO ENTRE JANELAS

*"Eu fiquei triste e chateada,
porque não consegui desenhar a janela."
(Jhuly¹, 4 anos)*

Ao retomarmos o verbo esperar, que, segundo Freire (1992), não se remete apenas ao ato de esperar, mas sim a ter esperança - desejando, indo em busca do que se deseja e persistindo nesse ato de buscar - perguntamo-nos: o que esteve em jogo quando a arte se tornou forma de esperar para crianças e educadores da infância? As buscas por repostas às indagações iniciais não se configuram como um desejo de encontrar afirmações, mas como veredas de uma rota que nos desafiou/desafia a indicar rumos particulares, intersubjetivos e relacionais, que nascem a partir dos mais

¹ O nome e as falas da referida criança foram autorizados para utilização/colaboração na construção deste artigo, bem como para a publicação do mesmo, através de preenchimento e assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por seus pais.

variados contextos educativos, constituídos por crianças e docentes concretos, heterogêneos, com subjetividades e identidades próprias.

Durante um dos encontros virtuais com o grupo de crianças de 4 anos de idade, do qual fui² professor, em uma Unidade de Educação Infantil, de uma universidade pública no estado da Paraíba, no decorrer do primeiro semestre do ano de 2021, as crianças e eu estabelecemos um diálogo sobre a saudade que todos estávamos sentindo de poder sair de casa, de irmos para a escola “antiga” - física - como ponderou uma das crianças, o desejo de nos encontrarmos fisicamente. A partir dessa conversa, partilhei com elas o quão prazeroso poderia ser olhar pelas janelas de nossas casas e/ou apartamentos e, assim, ver e sentir o mundo através delas. Passamos a refletir sobre a possibilidade de apreciarmos paisagens, pessoas, animais, árvores, flores, objetos variados, movimentos, cores, também de sentir o vento e os aromas da rua, os cheiros do lado de fora.

A partir disso tudo que poderia tocar nossos olhos, nossos corpos, percebemos que, ao acionarmos nossas imaginações, poderíamos também ampliar, modificar e transformar todos esses pequenos mundos que nos tocariam através das nossas janelas, em outros possíveis, em um movimento complexo e vital de entrelaçar o real com o irreal. Ato necessário para a elaboração e apropriação significativa de conhecimentos, mas, antes disso, uma ação necessária para nossa sobrevivência humana, em tempos de afastamento social.

No decorrer da conversa que tecemos sobre janelas, algumas crianças fotografaram as janelas de suas casas juntos com seus pais ou responsáveis, e partilharam esses registros fotográficos com todos. Outras nos mostraram suas janelas ao vivo, apontando a câmera dos computadores ou *smartphones* para elas. Porém, uma das crianças decidiu por si própria desenhar a janela da sua casa. Entretanto, pude perceber que a mesma pareceu demonstrar uma expressão facial que denotava certa inquietação, como se estivesse incomodada ou irritada, ao ponto que chegou a optar por sair da frente da câmera do seu computador, e não mais retornar ao encontro virtual síncrono.

Após observar essa cena e ter concluído o encontro com as demais crianças, realizei uma ligação por meio de chamada de vídeo para aquela criança que demonstrou insatisfação, e perguntei se gostaria de partilhar comigo o que havia acontecido e o que estava sentindo. Ela declarou estar muito triste e chateada por não ter conseguido

² Este trecho do texto está escrito em primeira pessoa, por se tratar de um relato de uma experiência vivenciada apenas por um dos autores.

desenhar a janela da sua casa tal qual ela é. Naquele momento, passei a dialogar com a essa criança sobre a importância de brincarmos de imaginarmos ao desenharmos. Busquei explicar que, em arte, as coisas podem ser feitas da maneira que quisermos, pois a nossa imaginação, além de ser muito bonita, é também poderosa, já que nos permite inventar aquilo que ainda não existe diante de nós, nos possibilitando ir além daquilo que podemos ver. Afinal, em arte, é possível criarmos cores, formas, colagens, misturas de objetos e tantas outras ações divertidas e inusitadas, que não existem concretamente na vida real, mas que surgem quando unimos o visível com o invisível, por meio da inventividade criativa (CUNHA, 2017).

A partir da narrativa relatada, consideramos que, enquanto docentes que atuam na Educação Infantil, podemos não ser levados ou levar as crianças em um movimento educativo vertical, mas, pelo contrário, temos a oportunidade de elevar a qualidade dos nossos encontros nas unidades de educação infantil quando optamos pelo “ir junto” com as crianças (GALLO, 2019). Dessa forma, além de admitirmos o lugar social que elas possuem o direito de ocupar, enquanto sujeitos ativos e dinâmicos na vida (SARMENTO; PINTO, 1997), favorecemos processos educativos que são construídos com elas, e não somente para elas. O sentimento produzido pela criança na narrativa exposta nos diz sobre a urgência de olharmos para os olhares das crianças no decurso de nosso empreendimento cotidianos junto a elas.

Diante disso, indagamo-nos: temos vivenciado a arte como experiência na Educação Infantil ou nos limitamos a *ensinar* saberes e fazeres da arte como receitas prontas para as crianças? Como temos lidado com os sentimentos produzidos durante nossos encontros educativos, no entrelaçar dos nossos olhares, que são metaforicamente, janelas de nossas almas? Ao elaborarmos tais indagações, propomo-nos a refletir sobre a emergência de uma educação estética, que compõe processos de construção de conhecimentos a partir de relações sensíveis, estéticas com a nossa realidade. Ou seja, trata-se do “desenvolvimento dos sentidos de maneira mais acurada e refinada, de forma que nos tornemos mais atentos e sensíveis aos acontecimentos em volta, tomando melhor consciência deles” (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 191) e, conseqüentemente, tornando-nos mais capazes de refletir sobre eles. Na próxima seção, retomamos o relato que apresentamos, considerando a sensibilidade estética e a responsabilidade ética que podem atravessar e fortalecer as relações entre professores(as) e crianças na Educação Infantil, abrindo janelas à dimensão estética da própria prática docente

AINDA TEMOS AS JANELAS...

Janelas abertas, fechadas, grandes, pequenas, retangulares, quadradas, diferentes, porém, todas com a possibilidade de abrir-se ao mundo, nos levar até ele e trazê-lo até nós. Todas nos possibilitam sentir o desejo de visualizar por meio do olhar o que está além de seus enquadramentos. A narrativa relatada na seção anterior nos possibilita ver as janelas das crianças como portais nos quais cada uma pode olhar para o mundo do seu modo, mas ir além disso, colocar-se diante dele. Nesse caso, retomamos a noção da imagem da janela como metáfora potente que nos ajuda a refletir sobre os atos de olhar e de como lidar com aquilo que olhamos.

Ao acessarmos o exterior, nosso interior é, conseqüentemente, afetado. Isso que nos toca parece nos mover a tocar também. Quando pensamos na criança que desejou olhar para a janela de sua casa e desenhá-la tal qual ela é, podemos observar um modo de tocar e afetar aquilo que foi visto de uma forma inicial, se considerarmos o anseio dela por reproduzir de modo fiel a imagem da janela. Entretanto, esse seu desejo e a descoberta de que não poderia realizá-lo a deixou triste e chateada, conforme declarou. Ao nosso ver, essa cena se constitui num diálogo entre a criança e o professor. Trata-se de uma criança que, ao expor seu sentimento, convoca-o a instaurar e vivenciar com ela um novo caminho educativo e estético: ir além do que está posto, juntos.

O diálogo entre a criança e o professor convoca a narrativa em metalinguagem sobre o desenho. O desenho como manifestação artística pode ser reduzido apenas à reprodução do real? O que significa a enunciação da criança quando afirma não saber desenhar porque não consegue “reproduzir” a imagem vista da janela? Se olharmos para o desenho como campo expandido, que comporta gestos pessoais de deixar rastros, registros da interação com o mundo, como defendido por Derdik (2010), acrescentaremos ao diálogo uma amplitude expressiva que pode comportar experimentações da linguagem do desenho que extrapolam a sua função de *representar* “o real”.

Nesse caso, desenhar não é apenas copiar ou reproduzir, mas inventar e reinventar, a partir de um novo olhar que nasce do desejo de se expressar, de acrescentar na vida um pensamento ou vários pensamentos singulares, produzidos por cada um de nós. Sarmiento (2011), explicita que os desenhos infantis são produções simbólicas que expressam subjetividades das crianças. Tal compreensão ajuda-nos enquanto docentes na Educação Infantil a reafirmar a importância dos desenhos infantis como manifestação artística das crianças, que nos possibilitam ouvir suas vozes

também por meio dessa expressividade artística (DERDIK, 2020). Essa audição é sobremaneira importante, faz parte de um programa teórico, epistemológico e político mais amplo: nosso compromisso docente de escutar sensivelmente as crianças a partir de suas múltiplas linguagens, para, junto com elas, construir caminhos educativos sensatos e felizes para todos e todas.

A sensação de insatisfação de Jhuly, perante o seu desejo de desenhar a janela de sua casa, intentando reproduzi-la exatamente da forma que é, na verdade, abriu-nos outras janelas, que nos fizeram refletir sobre a importância de construirmos composições docentes nas quais possamos reconhecer e fortalecer uma concepção de Educação que possibilita a construção de conhecimentos a partir também dos sentimentos e dos olhares das crianças para o mundo. Essa cena também nos possibilitou pensar sobre a urgência de vivenciarmos práticas educativas e artísticas de modo articulado na unidade de educação infantil. Dialogando entre nós docentes e com as crianças sobre a arte enquanto experiência, e não como ação mecânica, cooperando para percursos que emancipam, nos proporcionem sentir o toque do mundo em nós, mas que nos faculte a oportunidade de tocá-lo também, num movimento relacional, ativo e significativo.

CONCLUSÕES

Pensar sobre janelas não é uma tarefa fácil. Elas são múltiplas e complexas, mas também são portais, como frisamos. De igual modo, refletir sobre os nossos olhares que, metaforicamente, ao atravessarem as janelas das nossas vidas, nos levam ao encontro dos outros, do mundo e de nós mesmos, faz-se numa ação minuciosa e difícil, já que não estamos meramente no ato de ver, mas sim, de olhar, sentir, tocar e ser tocado. Nesse texto, buscamos assumir o lugar de pensadores de janelas e olhares, levando em conta as crianças da Educação Infantil e o compromisso docente em buscar construir com elas estradas felizes e com sentidos múltiplos.

Desse modo, nos sentimos convidados a ir além do bom gosto imposto, sobrevivendo com as novas belezas do mundo, que não são estranhas, são nossas, só precisam ser acolhidas, primeiramente pelo coração, pelos sentimentos íntimos, num movimento de luta diária que busca a legitimação de outras estéticas. Esse não é um caminho simples, precisamos nos educar e reeducar, também necessitamos de nos encantar e reencantar constantemente, por meio de processos e conexões empáticas conosco mesmos e com os outros. Resistir a não se deixar seduzir pelo que está

inconscientemente pré-determinado, precisamos ser seduzidos conscientemente, encontrando e produzindo maravilhamentos.

Nossas reflexões, na verdade, parecem nos convocar para perceber as crianças como produtoras e propositoras de experiências educativas e estéticas, a partir das relações que assumem entre elas e conosco, adultos. Afinal, o estético está relacionado ao que somos, por dentro e por fora, é o nosso existir, estar e entrelaçar-se na vida com os objetos, lugares, conosco e com os outros. Sendo assim, entendemos que é justo nos colocarmos à disposição das interrogações e proposições das crianças, aprendendo que precisamos estar atentos e sensíveis, aos seus desejos, não-desejos, satisfações, insatisfações, dúvidas, interesses e demais questões. Para que os nossos fazeres docentes possam seguir o fluxo de decursos inéditos, interessantes e esperançosos, amparados em princípios nobres, dentre os quais está o “ir junto” com as crianças.

No pós-pandemia, seremos convocados(as) a produzir belezas, cosmos, harmonia como sinais de vida resistente, de esperança e de solidariedade com a nossa casa comum - a terra - e com a família humana. Esse novo projeto esperamos que seja representativo do anseio por gestos de solidariedade e humanidade. Podemos partilhar alguns desses sinais que tenham contemplado ou mesmo realizado nesses tempos? Sigamos pensando, aguçando desejos de caminhar e caminhando.

REFERÊNCIAS

MOSQUERA, Vicente Blanco; CIDRÁS, Salvador. **Educar a través da arte**. Cara a unha escola imaxinada. Pontevedra: Kalandraka, 2019.

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do Olhar. *In*: NOVAES, A. (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 65-87.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Crianças, coleções e Arte Contemporânea na pré-escola. *In*: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. (Orgs.). **Arte contemporânea e docência com crianças**: inventários educativos. Porto Alegre: Zouk, 2021, p. 43 - 64.

CORSARO, Willian. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. A importância das artes na infância. *In*: CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). **As artes no universo infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2017. p. 15-53.

DERDIK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. Porto Alegre: Zouk, 2010.

DERDIK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Panda Educação, 2020.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação do sensível**. 2000. 234 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

GALLO, Sílvio. Educação infantil: do dispositivo pedagógico ao “ir junto” com as crianças. *In*: ABRAMOWICZ, Anete; TEBET, Gabriela (Orgs.). **Infância e Pós-Estruturalismo**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da Imperfeição**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

HORN, Maria da Graça Souza. **Brincar e Interagir nos Espaços da Escola Infantil**. Porto Alegre: Penso, 2017.

JANELAS da Alma. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. 2001. **You tube**. 14 de março de 2014. Duração: 73 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_I9I7upG0DI Acesso em: 08 ago. 2021.

MAGRITTE, René. A condição Humana (1933). **Artes e Artistas**, n.p., 26 de maio de 2020. Disponível em: <https://arteeartistas.com.br/a-condicao-humana-rene-magritte/>. Acesso em: 07 ago. 2021.

MATISSE, Henri. Paisagem vista de uma janela (1913). **Anu art collection**, n.p., s.d. Disponível em: <https://anu.co.za/HenriMatisse/index.html>. Acesso em: 07 ago. 2021.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Gomes. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

PONTES, Gilvania Maurício Dias de. **Arte na educação da infância: saberes e práticas da dimensão estética**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. *In*: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas - SP: Autores Associados, 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. *In*: SARMENTO, Manuel Jacinto; VASCONCELOS, V. M. R. de. (Orgs.) **Infância (In)visível**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007. p. 25-49.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. **As crianças contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança, 1997.

STRECK, Danilo R. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

CRIANÇAS E ARTE: ENCONTROS PARA ABRIR AS JANELAS À DIMENSÃO ESTÉTICA DA PRÁTICA DOCENTE

Children and art: meetings to open windows to the aesthetic dimension of the teaching practice

Gilvânia Maurício Dias de Pontes

Doutora em Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Núcleo de Educação da Infância
Centro de Educação
Natal-RN, Brasil

gilpontes56@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9584-5409>

Rayffi Gumercindo Pereira de Souza

Mestre em Educação
Universidade Federal da Paraíba
Programa de Pós-Graduação em Educação
Centro de Educação-UFPB
João Pessoa-PB, Brasil

rayffi.ufcg@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3845-1259>

Fernanda de Lourdes Almeida Leal

Doutora em Educação
Universidade Federal de Campina Grande
Unidade Acadêmica de Educação/Centro de Humanidades-UFCG
Campina Grande-PB, Brasil

fernandalealufcg@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1005-3141>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Avenida Ayrton Senna, 448, Bairro: Capim Macio, Condomínio Annamar - Bloco B, Apt. 301, CEP: 59080-100, Natal/RN.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos as crianças da Educação Infantil que olham o mundo por janelas e nos convidam a olhar também.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: G.M.D. Pontes, R.G.P. Souza, F.L.A. Leal

Análise de dados: G.M.D. Pontes, R.G.P. Souza, F.L.A. Leal

Discussão dos resultados: G.M.D. Pontes, R.G.P. Souza, F.L.A. Leal

Revisão e aprovação: G.M.D. Pontes, R.G.P. Souza, F.L.A. Leal

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 16-09-2021 – Aprovado em: 14-08-2022